

● O palco principal da batalha é o papel fotográfico. As armas escolhidas são variadas, umas mais afiadas que outras, mas há uma que atravessa muitas provas e que se presta a usos diversificados - as sombras, que ora escondem, ora revelam correntes, intenções e influências. Na exposição *Batalha de Sombras* - a primeira apresentação pública de imagens fotográficas da colecção do Museu do Chiado que hoje é inaugurada no Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira - mostra-se também pela primeira vez de forma estruturada e contextualizada a produção fotográfica dos "amadores" dos anos 50 que deram corpo a uma das décadas mais ricas e mais marcantes da história da fotografia portuguesa do século XX, pouco conhecida, pouco estudada, e muitas vezes arrumada em gavetas demasiado estanques.

Ao contrário do que o tema genérico possa sugerir, *Batalha de Sombras* não trata de lutas do bem contra o mal ou de jogos de poder entre entidades maléficas e anjos protectores. No momento em se davam os últimos retoques nas legendas das fotografias e no grande painel de abertura onde constam as biografias dos autores representados, Emília Tavares, comissária da exposição vinda do MC e que durante mais de dois anos preparou e investigou este período particular da história da fotografia portuguesa, justificava o título com a intenção de conjugar três aspectos: a marginalidade a que foram votados os trabalhos destes fotógrafos (uma escuridão que em alguns casos durou até hoje); a longa noite do contexto histórico, político e cultural do país que remeteu a produção fotográfica de 50 para um silencioso diálogo de sombras, onde a discussão girava quase exclusivamente à volta da técnica; a concretização pela imagem da melancolia, do desalento e da angústia existencial que percorreram a época.

De forma paradoxal, foi neste clima social e cultural pouco ou nada discutido e ousado quanto bastou que se produziram imagens fotográficas de grande impacto que vieram a influenciar a fotografia portuguesa nas décadas seguintes, nomeadamente o fotojornalismo que começou a assumir novas abordagens. Por outro lado, estas 77 fotografias - a maioria das quais provas *vintage* (de época) - mostram como eram diversificadas as abordagens estéticas e como dentro de uma corrente artística havia lugar para "nuances, ambivalências e contradições". Um dos objectivos da exposição passa exactamente por "dar uma leitura tão vasta

Gérard  
Castello-Lopes,  
Paris, 1958



# Quando Portugal era fot

O diálogo entre 14 autores de uma década muito particular da história da fotografia portuguesa Vila Franca de Xira. Revelam-se nomes pouco conhecidos e tenta-se desfazer alguns estereótipos



quanto possível da expressão fotográfica da década de 50 que, ao contrário do que possa parecer, é muito multifacetada”, explicou ao P2 Emília Tavares durante uma visita guiada na véspera da inauguração. Alguns exemplos que quebram categorizações demasiado rígidas da obra destes fotógrafos estão no núcleo das “incurções abstractas...”, onde “amadores salonistas” (que se dedicavam muito a concursos e a salões de fotografia de gosto naturalista e bucólico) aparecem com imagens de composição modernista (planos inclinados, privilégio das linhas e das formas) ou com experimentações técnicas mais arrojadas (jogos de sombra e luz). “Quando começámos a estudar e a ver fotografias dos chamados salonistas pensávamos que as suas formas de expressão eram muito homogêneas, que eram naturalistas e ponto final. Mas não eram só isso. Na verdade, não conhecíamos bem o seu trabalho porque eram poucas as imagens publicadas nos catálogos dos salões de fotografia”, afirma a comissária.

A exposição que o Museu do Neo-Realismo agora acolhe - mostrando desta forma que está aberto a propostas fora da temática com que foi baptizado - surge dividida em cinco núcleos que tentam fazer abordagens muito abertas das principais correntes artísticas identificadas. No grupo “O salonismo e a herança naturalista”, talvez as variantes estéticas com mais praticantes na década de 50, estão representados alguns dos mais conhecidos e prolíficos “amadores” da época (Varela Pécuro, João Martins), que elegiam o tema da paisagem bucólica ou os elementos naturais com céus carregados de nuvens (muitas vezes fotomontados) para tentarem arrecadar o máximo de distinções em tudo quanto era salões de fotografia em Portugal e no estrangeiro. É uma corrente em que a destreza técnica e as condições do ambiente jogavam um papel fundamental. “Duas vezes premi o botão disparador pois suspeitava, e não me enganei, que da primeira vez o meu movimento não fora suficientemente rápido”, escreveu Varela Pécuro a propósito das dúvidas que o assaltaram no momento em que tirava uma fotografia. João Martins: “Se tinha modelos, faltava-me o essencial: aquela luz envolvente do claro escuro.”

António Paixão, um dos impressores de Lisboa mais procurados por salonistas e anti-salonistas, também se tornou fotógrafo e, segundo Emília Tavares, é a primeira vez que

**Varela Pécuro,**  
*Bezas da*  
*Noite, 1951*

# ografado com sombras

concretizado através de uma exposição que é hoje inaugurada no Museu do Neo-Realismo de os. Para ver até 14 de Junho. *Por Sérgio B. Gomes*

Eduardo Harrington Sena, *Dogma*, 1954



Victor Palla, *Sem Título*, final dos anos 1950



João Martins, *Sem Título (barcos na doca)*, cerca de 1950

aparece enquadrado numa corrente específica.

Fernando Lemos é o protagonista do núcleo "Surrealismo: a fotografia ao serviço da 'inquietação'", mas não é por isso que as suas imagens perdem força. A selecção feita a partir do espólio do artista - adquirido pelo MC em 1999, a primeira compra do museu relacionada com fotografia - aborda o surrealismo fotográfico de Lemos "sob o ponto de vista da crítica do quotidiano e da sua importância política e social". O núcleo das "Incurções abstractas e explorações formais da luz" é dos mais surpreendentes ao incluir trabalhos de fotógrafos salonistas habitualmente colocados fora desta corrente. Há uma tónica modernista inesperada.

No conjunto que reúne os autores mais próximos do "realismo fotográfico", quarto núcleo, destacam-se as imagens de Nazaré (espécie de lugar fetiche na fotografia portuguesa) e as provas pouco conhecidas de Adelino Lyon de Castro, um dos fundadores das Edições Europa-América e o nome mais próximo da estética neo-realista de toda a exposição. Ainda assim, a comissão é cuidada:

"Prefiro entender estas imagens como representações socialmente mais comprometidas, mas em termos formais são muito híbridas."

Naquela que é a faceta mais conhecida da fotografia dos anos 50 em Portugal (recentemente reapreciada), a corrente humanista reúne no último núcleo trabalhos de Carlos Afonso Dias, Gérard Castello-Lopes, da dupla Victor Palla e Costa Martins (imagens de *Lisboa, Cidade Triste e Alegre* - 1958-59), e alguma produção fotográfica independente de Palla. À época, em termos expositivos e de visibilidade, não havia espaço para este tipo de fotografia. Sem ser o "episódio" na Casa Jalco, exposição de 1952 do Grupo Surrealista de Lisboa que causou reacção da sociedade e do comércio da Baixa lisboeta e em que participou Fernando Azevedo, Fernando Lemos e Marcelino Vespiera, e as mostras gerais de artes plásticas da Sociedade Nacional de Belas-Artes não houve uma única exposição de fotografia integrada noutro contexto. "Nenhum destes autores pôde expor na altura, não havia interesse para isso ou não lhes foi dada essa importância." As últimas fotografias deste conjunto, vindas da obra-

## A coleção

Museu do Chiado começa a incorporar fotografia portuguesa

A incorporação de fotografia portuguesa e de documentos com ela relacionados no Museu do Chiado começou em 1999 com a aquisição de algumas obras do surrealista Fernando Lemos. Desde essa altura, o museu tem procurado reforçar a sua colecção com espólios que abarquem o lastro temporal das suas colecções noutros suportes. Ou seja, um critério que abarca quase toda a história da fotografia tendo em conta que as obras mais antigas do museu recuam até 1850 (o anúncio da invenção da fotografia foi feito em 1839).

Mas o ano decisivo nesta política de aquisições e incorporação de doações foi 2006 com a entrada de grandes espólios dos salonistas António Paixão e Eduardo Harrington Sena (negativos, álbuns, provas de época e

documentação gráfica variada) e provas de época de Franklin Figueiredo e Varela Pécourto. Paralelamente, no mesmo ano, foram compradas fotografias de autores mais ligados ao realismo fotográfico como Gérard Castello-Lopes, Vítor Palla, Carlos Calvet, Carlos Afonso Dias e Sena da Silva (a família doou metade do espólio).

Em 2007, entrou o trabalho fotográfico e muita documentação pertencentes a Fernando Taborda. E, por último, em 2008, acentuando a tónica na fotografia dos anos 50, o museu recebeu todo o espólio de Adelino Lyon de Castro, um dos fundadores da editora Publicações Europa-América. Este conjunto inclui muitas provas de época, bem como negativos da sua obra, uma das mais próximas da estética neo-realista. **S.B.G.**

prima de Palla/Martins, encerram um ciclo e apontam outros caminhos para a fotografia já mais virados para a contemporaneidade. Em complemento a este núcleo, vai passar um documentário de Luís Camanho sobre o projecto *Lisboa, Cidade Triste e Alegre* onde se destacam os depoimentos de José Soudo, Dália Dias, Fernando Lopes e Nuno Teotónio Pereira.

Entre os documentos gráficos, podemos ver o catálogo original da exposição da Casa Jalco, um álbum de Eduardo Harrington Sena com pequenas fotografias e centenas de anúncios de salões em que participou pelo mundo inteiro e várias obras literárias ilustradas com fotografias herdeiras da temática neo-realista. Para o dia 6 de Junho, está agendada uma conversa sobre fotografia entre Carlos Afonso Dias e Varela Pécourto moderada por Emília Tavares.

Pelo muito que revela e pela forma eficaz como coloca em diálogo este grupo de autores, *Batalha de Sombras* é também uma batalha ganha na guerra contra a sombra da inoperância, do esquecimento, da ignorância e da omissão a que fotografia portuguesa esteve - e ainda está - votada.